

# A Realidade do Poder Civil

Raul Pilla

NINGUÉM negará ser grave a situação na França. Está o país em face de uma insurreição militar que, apoiando-se em exaltados sentimentos patrióticos, característicos do povo francês, talvez seja, como denunciou o chefe do governo, uma verdadeira conspiração de elementos da extrema direita, para estabelecer um governo autoritário, sob a chefia do general De Gaulle, que muito caro tem cobrado a sua atitude de resistência, por ocasião da grande guerra. O melhor sinal da gravidade da situação é haver-se decretado o «estado de urgência», que corresponde ao nosso «estado de sítio», e, como outros institutos de caráter excepcional, figura apenas por precaução nas constituições parlamentaristas e tende a cair em desuso.

Vários fatores concorrem na presente crise. Mas o principal é, por certo, o sentimento de frustração com que o povo francês vê ir-se reduzindo, sob a influência de fatores inelutáveis, o magnífico império colonial que, após a desastrosa guerra franco-prussiana, a França conseguiu erigir. Tal império, convém observar, foi construído na Terceira República e resultou de uma política invariavelmente mantida, apesar da instabilidade dos gabinetes. Compreende-se, pois, a profunda decepção do nacionalismo francês, depois da infeliz guerra da Indochina, que marca a fase do declínio.

Ora, a grave crise francesa, que os observadores superficiais e incapazes de raciocinar rigorosamente consideram como a falência do sistema parlamentar, como se a França fosse o único país parlamentarista no mundo e verdadeiramente parlamentarista fosse o seu sistema, a grave crise francesa pode ministrar várias e proveitosas lições a estas pobres repúblicas americanas, taladas pelo caudilhismo presidencialista.

A memorável sessão da Assembléia Nacional, na qual, por esmagadora maioria, foi decretado o estado de urgência, pedido por Pflimlin, foi uma demonstração da força, da grandeza do poder civil na França. Ali é a própria nação, representada por tôdas as suas correntes no parlamento, quem se ergue, quem se defende, quem fulmina os insurretos. O próprio inspirador do movimento, o cesarista general De Gaulle hesita, tergiversa e declara que só aceitará o poder, se êle lhe for dado legalmente, isto é, através do parlamento que deprecia. Poderia ocorrer coisa semelhante em alguma das repúblicas latino-americanas, onde o poder civil não é uma instituição, mas uma pessoa sujeita aos azares dos pronunciamentos militares, ainda quando destituídos da chama patriótica que inflama a insurreição argelina?

A França ainda poderá ser levada à guerra civil, não obstante transpôsto pareça o momento mais agudo da crise, mas a demonstração da realidade e da força do poder civil no sistema parlamentar, ainda num sistema tão defeituoso quanto o francês, está feita, para quem saiba conhecer, interpretar e raciocinar.

Mas, entre nós, é inevitável a pergunta, feita com ares vitoriosos: «Viram a França?» Sim, vimos a França, mas também, temos visto o Brasil, a Argentina, a Colômbia, a Venezuela, enfim, tôdas as infelizes repúblicas presidencialistas da América Latina. Este vasto e permanente panorama, será que ninguém o vê, ou nada significa?